

Garrafas cilíndricas

Há duas décadas sigo criando garrafas. Elas habitam os meus sonhos, voam pela minha imaginação e tomam forma enquanto estou com as mãos no barro. Estão presentes no meu cotidiano.

No início, eram apenas os obrigatórios exercícios de cilindros. Cilindros de variadas espessuras e dimensões. Cilindros retos, estáveis, honestos, grudados no chão. À medida que as paredes de barro cresciam, o espaço interior vazio também aumentava e, rapidamente, era preenchido por todas as emoções do meu tempo. Segui, então, fechando as superfícies dos cilindros até transformá-los em garrafas de gargalos finos, estrangulados, apertados, quase asfixiados.

Hoje, elas são pequenas. Pequenas garrafas, quase voláteis, sonhando ter vida própria. Tornei-as com longas pernas para que elas possam locomover-se com autonomia, mas elas parecem sempre querer voar. Suas pernas me dão a impressão de que só servem para lhes dar mais ar, impulso, desafio.

Dentro do seu grande espaço vazio cabe todo um universo, um universo de possibilidades que só o tempo fará amadurecer.

Garrafas com gargalos abertos precisam de tampas.





Tampas com pegadores

Sempre criei tampas para os meus utilitários do cotidiano. Para os meus bules...

Tampas para os meus pratos. Incomodam-me os pratos fundos com abas largas completamente destampados. Pratos que chegam à mesa recebendo todos os olhares e cobiças do ambiente. Se a sua passagem for demorada, o conteúdo chega ao destino seco, frio, óbvio. Pratos demasiadamente abertos, desprovidos de pudor, perdidos na liberdade excessiva, pedem limites e proteção. E o desafio está em criá-los. Pedem personalidade, textura, vida.

Assim, venho criando pegadores que, em muitas ocasiões, se confundem, fundem-se às tampas. Observo-as, hoje, sob o ponto de vista estético e constato que a minha inspiração sempre brotou da Natureza e do Tempo. Na terra transformada em argila e na vegetação transformada em cinzas. Na argila transformada em cerâmica e nas cinzas transmutadas em cores e luz. A Natureza e o Tempo.

As garrafas também precisam de tampas – com pegadores, que brotam no topo dessas tampas como as mudas das árvores que nascem em argila fértil.

Hideko Honma, abril de 2021



Um espaço vazio cheio de possibilidades

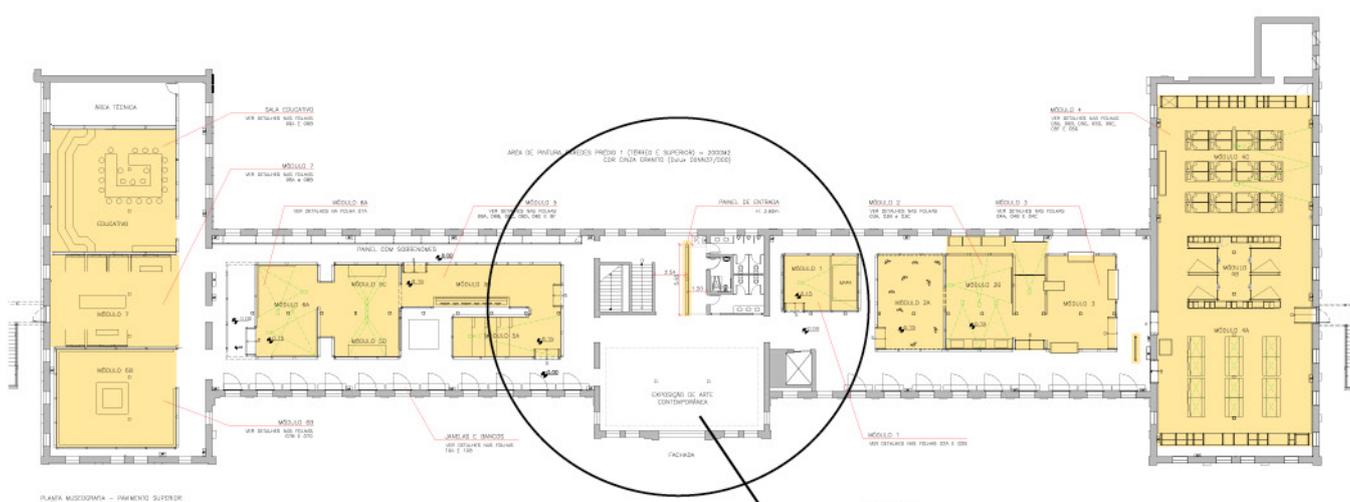
Foi o que recebemos do Museu da Imigração para abrigar a instalação artística de Hideko Honma.

Garrafas-Árvore, Corpos de Teste, Vídeo Poético, Caderno, Cinzas. Transformação, Identidade, Legado. E o Tempo.

Localizada no espaço entre as duas alas que compõem a exposição de longa duração, a instalação de Hideko Honma aparece em suspensão, como o espaço entre duas no-

tas musicais. Assim é o MA. Esse MA, ou espaço vazio, tão presente nas artes japonesas e que aparece também no sobrenome da artista, inspirou a obra de arte e a narrativa espacial, visual e auditiva.

Vazios preenchidos por objetos artísticos, vazios preenchidos pela técnica e pela poesia, vazios preenchidos pela luz, vazios preenchidos por imagens e sons. Vazios preenchidos por conceitos, vazios preenchidos por pessoas vivenciando a experiência estética.



PLANTA MUSEOLOGIA - PAVIMENTO SUPERIOR
1/200

1300° Das cinzas,
uma árvore
Eterno retorno

Universo dentro e fora. Não há começo nem fim.

O círculo vazado e iluminado no painel que divide a sala faz referência aos oroboros-símbolo (de uma serpente – ou dragão – mordendo a própria cauda) que representa a constante evolução da Vida e do Ser, o eterno e infinito Universo.

Suspensas dentro dele, em forma de espiral, as garrafas-árvore, pequenas e quase voláteis, cheias de emoção, sonham ter vida própria.

“Tornei-as com longas pernas para que elas possam locomover-se com autonomia, mas elas parecem sempre querer voar. Suas pernas me dão a impressão de que só servem para lhes dar mais ar, impulso, desafio” – diz Hideko Honma.

A iluminação parece trazer à tona as emoções guardadas dentro das garrafas. De um lado, luz; do outro, sombra. Somos, assim, completos.



Tanoshimi: surpresa!

O painel divide a sala em dois espaços poéticos. Como quem atravessa um portal, o visitante é convidado a explorar e descobrir. O que tem atrás?

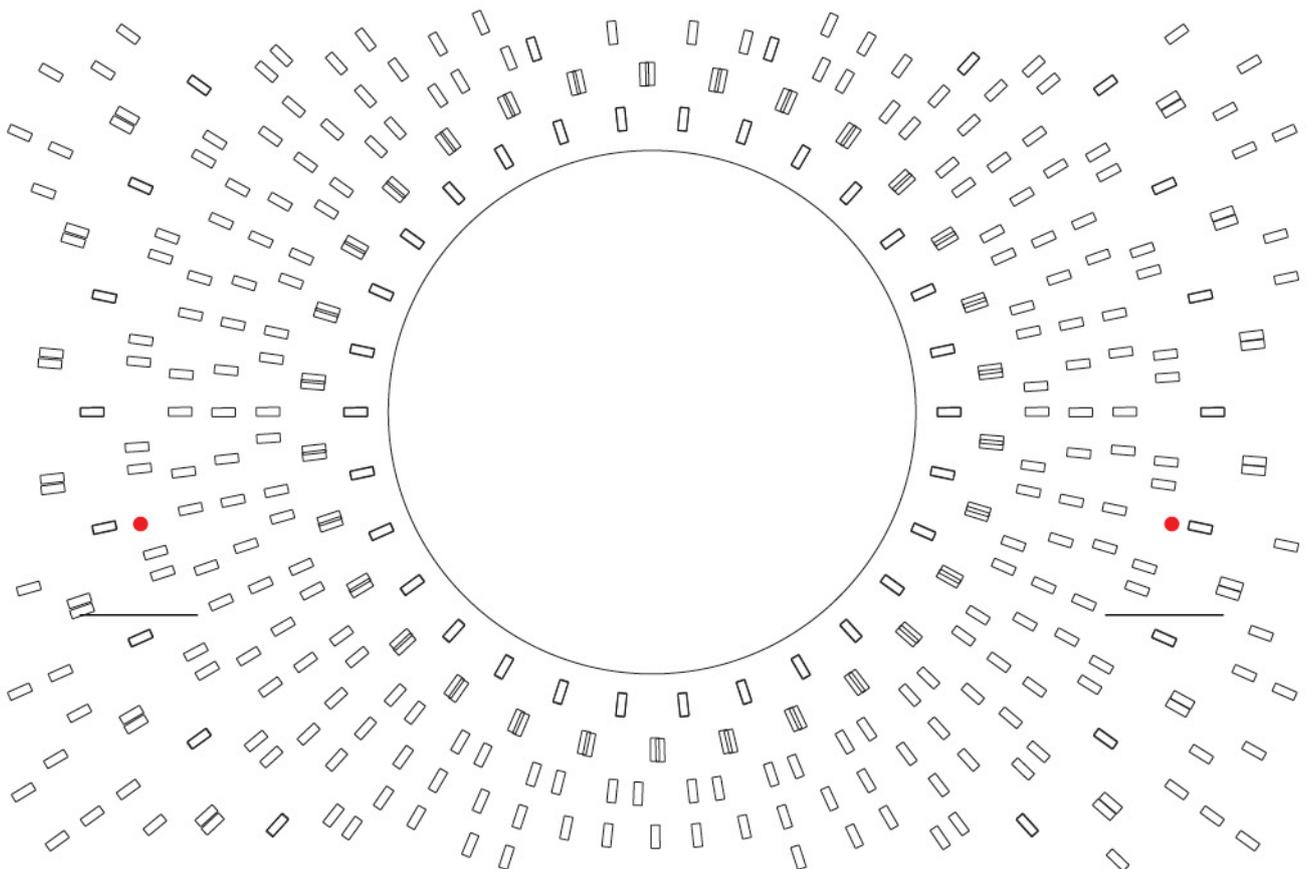
Centenas de corpos de testes coloridos, dispostos em movimento radial, parecem girar no torno, movido pela força das garrafas-árvore ao centro. Essas peças de cerâmicas registram o processo de purificação e eternização da figueira, cinzas transformadas em cores e texturas. Terra, água, ar, fogo – 1300°, eterno retorno.

Vida-morte-vida, processo, não há começo nem fim.

A iluminação nos corpos de teste não mostra tudo, traz um mistério. Texturas e detalhes do processo são revelados na poesia audiovisual.

Duas luminárias delicadas iluminam as cinzas e o caderno da artista como jóias preciosas, dispostas em elegantes prateleiras. Simplicidade e sofisticação.

Flavia Sakai, junho de 2021



1300° Das cinzas,
uma árvore

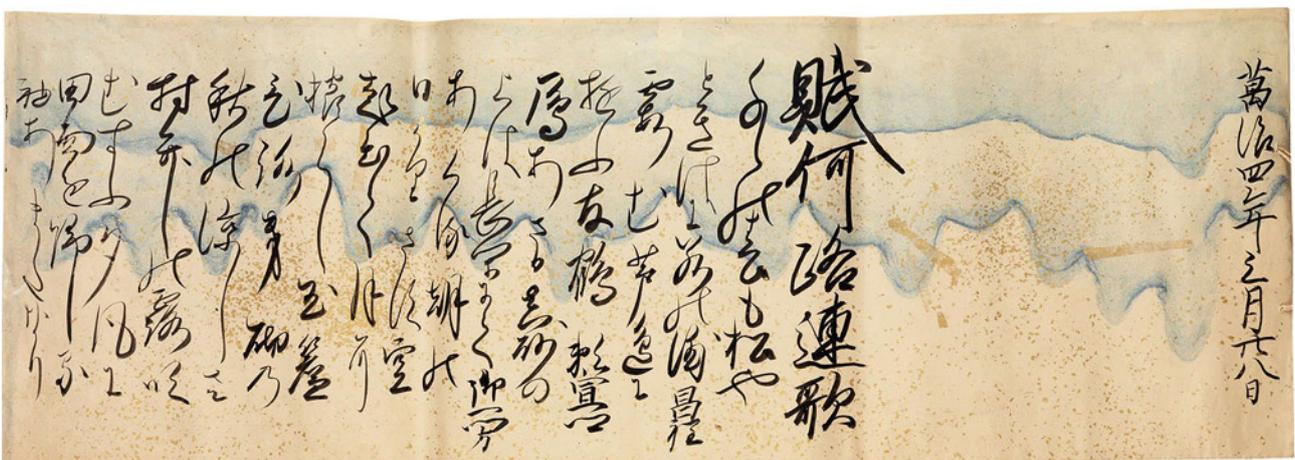
Eterno retorno

Poesia visual

As ideias interligadas, conectadas umas às outras, remetem-nos à poesia Renga, um poema colaborativo que os japoneses praticavam já no século XII e que deu origem à sua forma mais compacta e mais conhecida, o haikai, ou haiku. No início, como é de se supor, a prática da poesia era restrita aos letrados, ou seja, aos nobres da Corte. Com a democratização da educação, a poesia, e mesmo a prática do Renga, tornou-se um passatempo popular. É particularmente divertido imaginar que emigrantes japoneses se juntavam no convés do navio para passar o tempo compondo versos colaborativos. O desafio não é premiar quem faz o melhor verso, mas, sim, compartilhar um destino imprevisível do poema. Algo muito semelhante ao destino desses próprios emigrantes, singrando os mares, em busca de dias melhores.



Gravura de Suzuki Harunobu, Lady Murasaki Shikibu iniciando a escrita de "Genji Monogatari", o primeiro romance escrito no mundo, entre 1000 e 1012.



Um dos primeiros poemas renga, da coleção Mary Griggs Burke (colecionadora americana de arte, possuiu o maior acervo particular de arte japonesa).

1300° Das cinzas,
uma árvore

Eterno retorno

Adotamos a estrutura do Renga para interpretar as peças criadas pela artista Hideko Honma e compor o espaço audiovisual, sem, contudo, nos prender a uma narrativa linear, tampouco à métrica exigida nos haicais. O objetivo do poema é sugerir, de maneira subliminar, uma estrutura semântica à instalação, remetendo a significados universais que permeiam a história de todos os imigrantes, como as lembranças, as memórias, as saudades e as expectativas de um futuro melhor.

Assim, "Raízes para trás" representa o desprendimento físico dos imigrantes que deixam sua história de vida na terra natal. São como "corpos troncos", separados das suas raízes. Os corpos troncos vagueiam pelos mares até encontrarem a terra firme que irá acolhê-los.

Há passagens que se inspiram no silabário original da língua japonesa, criado na era Heian (794-1185). Esse silabário foi possivelmente composto em 1079, segundo os registros mais antigos encontrados até agora. Trata-se de um pangrama perfeito, sem repetição de nenhuma sílaba, que deu origem ao silabário japonês. Conceitos como "impermanência" e "transitoriedade" e a melancolia da passagem do tempo estão presentes. No poema, "cores-flores que aroma" é uma tradução de dois trechos desse pangrama.

O Renga colaborativo, na verdade, tornou-se um diálogo íntimo entre a Árvore-figueira, o seu recipiente (o Museu da Imigração), os imigrantes que por lá passaram, e as Garrafas-Árvore, a criação de Hideko Honma.





Teatro Nô – Morte e Vida no mesmo plano

Para a estrutura dramática da instalação, trouxemos, inclusive, inspirações do Teatro Nô, a forma mais clássica das artes cênicas do Japão e a manifestação teatral mais antiga do mundo. O Nô também foi trazido pelos imigrantes japoneses. Ainda hoje, um grupo atua para preservar essa modalidade artística, e seus praticantes vão de imigrantes de primeira geração a discípulos não descendentes, mostrando que novas raízes começam a brotar.

No Teatro Nô, é recorrente o embate ou o encontro de fantasmas com os seres vivos. É o que vai ocorrer nesta narrativa, em que a árvore morta dialoga com os espíritos dos imigrantes que por lá passaram e com a sua forma ressurgida das cinzas, que renasce em forma de garrafas. Morte e vida interagem no mesmo plano, em diálogos entrelaçados. Assim como em "Vazio", o último capítulo do livro de Musashi, a vida percorre em forma de ciclos que pendulam em espirais.

Jo Takahashi, junho de 2021



Divulgação

Palco Teatro Nô